





MÚSICA

# Em busca da. Harmonia

*Novas madeiras dão um tom mais  
sustentável aos instrumentos musicais*



**T**odo bom músico, de qualquer parte do mundo, sabe que os melhores arcos de violino são de pau-brasil e as melhores caixas de violas, violões e violoncelos, de jacarandá-da-Bahia ou mogno. Mas poucos, muito poucos mesmo, têm idéia do alto custo ambiental, que a demanda por estas madeiras hoje impõe às florestas remanescentes da Mata Atlântica e Amazônia brasileira.

O consumo de madeiras para instrumentos musicais é pequeno, se comparado aos volumes utilizados pela construção civil ou indústria de móveis. Por ano, a demanda mundial estimada de pau-brasil para arcos de violino é de 'apenas' 900 m<sup>3</sup>. Quase nada, se comparados aos 5,6 milhões de metros cúbicos consumidos pelos outros setores, no estado de São Paulo, só de madeira da Amazônia.

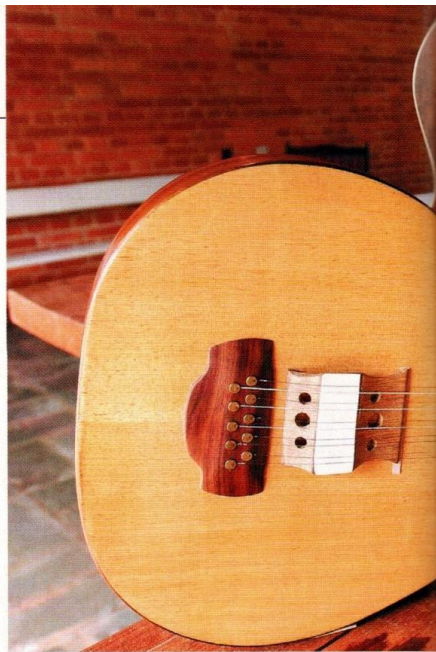
Mas volume não é tudo. O desperdício é um fator importante, quando se contabilizam os custos ambientais. Para fazer um arco de violino, aproveita-se somente o cerne do tronco da árvore, que deve ter, no mínimo, 30 anos. É o equivalente a 15% do volume total de madeira disponível. Isso, sem considerar que a extração de pau-brasil das matas nativas está proibida e as áreas de plantio comercial são

ínfimas e insuficientes.

Alternativas menos predatórias, com um som tão bom quanto o das madeiras mais famosas, já existem. Resta afinar o gosto dos consumidores, ensinando os músicos a comprar de ouvido, ao invés de se guiarem apenas pela fama das espécies tradicionais. É o que defende o diretor do Laboratório de Produtos Florestais do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (LPP/Ibama), o físico e doutor em Ciências Florestais, Mário Rabelo de Souza. Desde 1982, ele testa as propriedades físicas e a sonoridade de uma grande variedade de madeiras brasileiras, buscando opções para cada tipo de instrumento musical.

Rabelo já tem uma lista de 272 espécies estudadas, 47 das quais com bom potencial comercial para construção de instrumentos musicais. "Os testes, aqui, são de acústica, densidade, resistência, contração e acabamento - porque o instrumento musical também tem que ser bonito - mas quem dá a palavra final é o músico", diz.

Das 10 madeiras amazônicas, que ele escolheu como viáveis para a fabricação de gaitas, por exemplo, três foram aprovadas com louvor pelo músico Pablo Fagundes, do grupo Pé de Cerrado, de Brasília: as de tauari, ipê



FOTOS LUZ PRADO

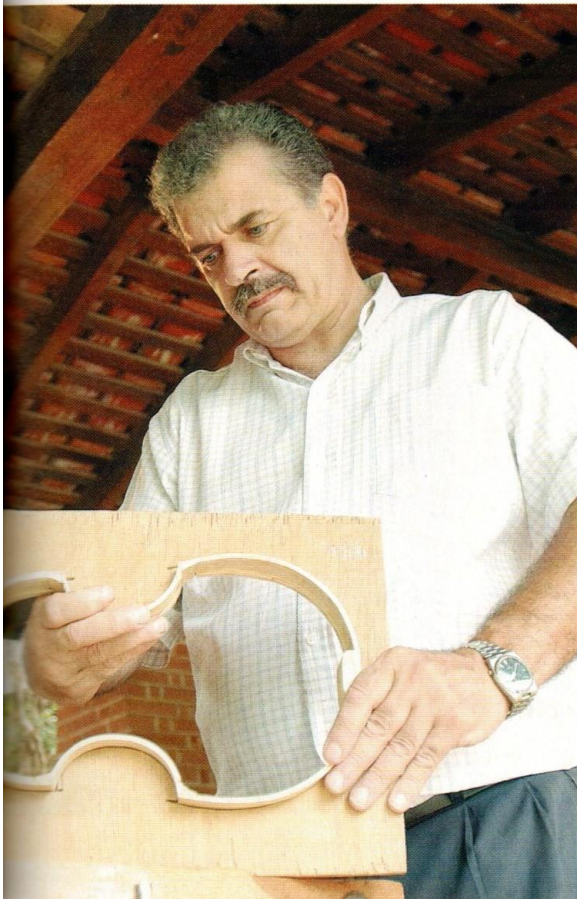
e açoita-cavalo. "A sonoridade das três é diferente, com timbres ligeiramente mais agudos do que as gaitas importadas, em geral, feitas de madeira de pereira", avalia Pablo. "Todas são de excelente qualidade e a de ipê ainda é bonita, boa de palco".

De olho no mercado internacional, que movimenta US\$ 12 bilhões ao ano e valoriza cada vez mais os produtos certificados, os fabricantes de instrumentos musicais estão atentos às experiências de Rabelo no LPP. Um fabricante brasileiro de baquetas para baterias, por exemplo, acaba de encomendar uma série de testes. "A madeira das baquetas tem que uma característica muito especial, além da alta resistência a impac-

#### ALTERNATIVA

Instrumentos feitos com madeiras alternativas pelo luthier Fernando Vanini (ao lado)





## O mais antigo cururueiro de Corumbá

**A**gripino Soares de Magalhães é o mais antigo cururueiro da região de Corumbá, na beira do Pantanal. E o único 'fazedor' de viola de cocho das redondezas. "Tenho mais de 200 violas feitas e já vendi pra todo mundo", conta. "Eu aprendi quando me aposentei da estiva, tem mais de 50 anos. Faço viola de cocho porque me dá uma ajuda pra minha estadia. O vencimento de aposentadoria é de passar fome e eu não tô acostumado a passar fome, então faço viola e me apresento. Tenho 85 anos, mas se você vier na minha casa, eu passo a mão na viola e danço e sapateio, porque fui bem conservado na minha qualidade".

Viola de cocho é o nome genérico de instrumentos rústicos, cavados à faca ou canivete, num tronco só. São as alternativas populares de uso dos mais variados tipos de madeira e dependem tanto da habilidade do 'fazedor' como do 'tocador' para emitir um bom som. A origem do instrumento tem diversas versões. Agripino diz que é de quando os índios começaram a fazer viola, há mais de 200 anos: "Eles cortaram pau de ximbeba pra fazer um cocho de beber água pros bezerros e sobrou um metro e pouco e então acharam de fazer a viola e ficou com esse nome, viola de cocho".

Ele ouvia o pai tocar, mas aprendeu a fazer viola observando o avô. E dá as dicas para quem quiser experimentar: "Primeiro corta o pau na minguante, aí 'panha' o modelo e risca, depois lavra com a faca e 'cavuca' e lixa e aí põe as cordas". As madeiras usadas são ximbeba, urumbeva e sarã de leite, que "é fofa, mas boa de fazer". As cordas hoje são de nylon. "Eram de tripa de ouriço, bugio, caninana, mas os que lutam com esse negócio de caça e pesca proibiram, então agora fazemos de nylon".

[ REDE AGUAPÉ ]

tos", conta Rabelo. "Ela deve ter uma certa porosidade, para 'avisar' o baterista quando está para quebrar". Apesar da especificidade, já existem 28 espécies de madeiras brasileiras na sua lista, com boas características para bater a concorrência internacional.

O uso de madeiras alternativas e, sobretudo, certificadas motivou 60 fabricantes de todos os tipos de instrumentos, a criar a Associação Nacional dos Fabricantes de Instrumentos Musicais (Anafim). E, no meio de campo entre a pesquisa e os fabricantes, trabalha uma organização não governamental, que nasceu para promover a sustentabilidade dos instrumentos musicais, no Brasil, através de um projeto chamado Sons da Floresta. A ong é a Amainan, fundada em 2000, em Sorocaba, interior de São Paulo, a partir de um projeto realizado um ano antes, com os arcos de violino de pau-brasil, em parceria com a ong britânica Sound Wood e a Fauna e Flora Internacional, com recursos da embaixada britânica.

Como faz a Sound Wood, a nível mundial, a Amainan não defende o boicote aos instrumentos feitos de madeiras tradicionais. Quer, antes, mostrar aos fabricantes e aos consumidores brasileiros as opções disponíveis. Cada espécie alternativa, que passa a ter suas qualidades reconhecidas pelo mercado, significa um alívio na pressão sobre as espécies tradicionais. Embora a extinção de espécies vegetais seja mais rara do que a das espécies animais, dada a facilidade de reprodução das plantas,

### O consumo excessivo pode causar a extinção comercial das madeiras nobres

o consumo excessivo pode causar o que se chama de extinção comercial, ou seja, um tal depauperamento dos estoques naturais, que a exploração torna-se inviável.

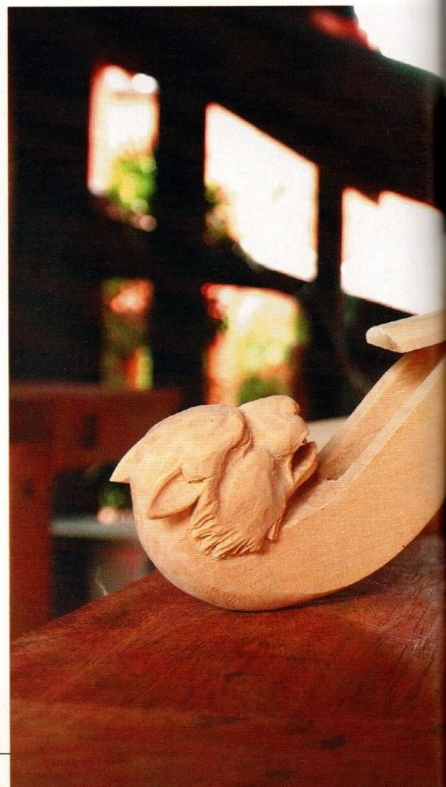
Para apresentar alternativas ao mundo da música, uma primeira exposição de instrumentos feitos com novos materiais foi organizada pela Amainan, no final de 2003, e diversos outros eventos estão programados para breve, conforme conta Paulo Sérgio Sgroi. "O objetivo é incentivar o valor agregado dos instrumentos feitos de forma sustentável e promover inclusive as exportações brasileiras, que atualmente somam apenas US\$ 4 milhões, nesse mercado mundial de 12 bilhões, dos quais 7 correspondem só aos Estados Unidos".

Mais livres para criar, dada a pequena escala de produção, várias lutherias e luthiers brasileiros contribuem com sua dose de experiência na substituição de madeiras tradicionais. Enquanto um fabricante médio usa cerca de 3 m<sup>3</sup> de madeira por mês, um fabricante artesanal de instrumentos de corda, como o luthier Fernando Vanini, de Campinas, faz dois ou três instrumentos. Pode, então, testar combinações diversas para a caixa, o tampo ou a escala de cada viola, rabeca e guitarra.

Imbuia, marupá, cedro, caixeta, grumixaba, freijó, cambará, angico preto são algumas das espécies testadas por Vanini, que tem até rabecas de bambu e cabaça. "Os consumidores se importam muito com a aparência: eles querem um instrumento igual ao do seu ídolo, da mesma madeira, com a mesma aparência. Por isso, a tradição ainda tem muito peso. Mesmo nas oficinas de luthiers profissionais, existe pouca experimentação. O Stradivarius virou uma lenda porque teve coragem de experimentar e é imitado até hoje", argumenta o físico, que, na verdade, trabalha com ciências da

#### PRESERVAÇÃO

Rabeca de marupá, uma das tentativas de substituição de madeiras nobres



## O 'fazedor' de viola de cocho da Chapada

**N**uma outra versão da popular viola de cocho, Romualdo Paes da Silva, 68 anos, usa madeira de mangueira. O corpo e o braço são entalhados numa única peça. De uma planta chamada sumaré sai a goma, que cola a tampa. Uma folha áspera, a lixeira, dá o polimento. E as cordas são as mesmas linhas de nylon, que ele usa para pescar.

Romualdo mora aos pés da Serra da Urubamba, na Chapada dos Guimarães, e aprendeu o ofício com o pai. "A melhor madeira que tem é ce-

dro, ximbuia e sarã da beira do rio, mas essas não pode cortar porque é proibido e cada uma tem um dono. E o dono não dá dado", explica.

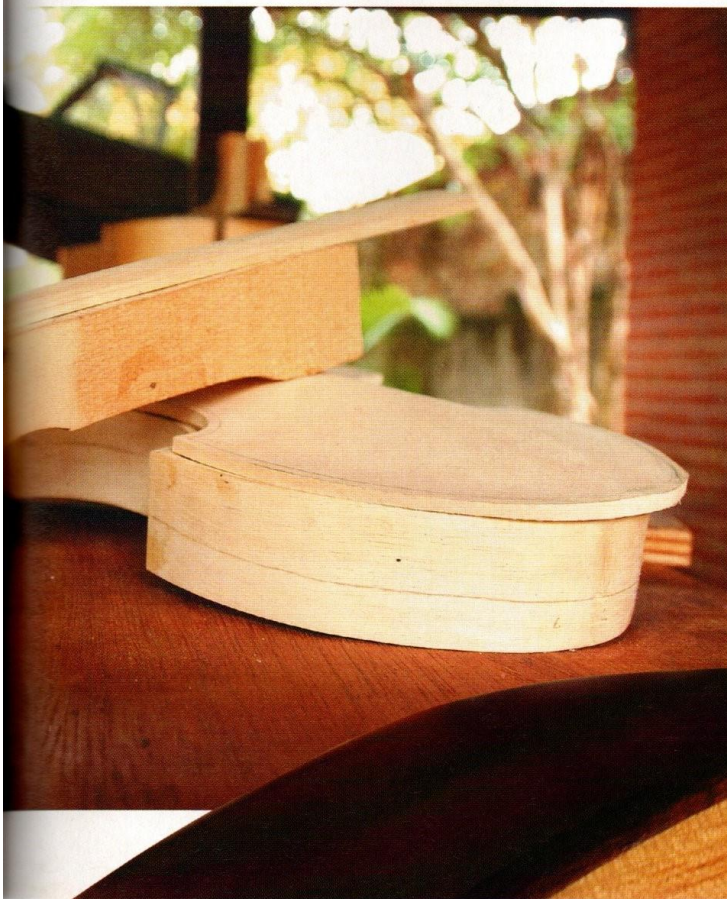
Antigamente, ele também fazia as cordas da viola com couro de bicho, "mas hoje em dia não pode, então tem que usar as linhas de pesca mesmo". Apesar de todos os improvisos, sua viola de cocho é capaz de emitir notas, que ele transforma em músicas típicas da região. "Eu toco malemazinho, não sei muito, mas a gente compreende um pouquinho. Eu já toquei muito, já cantei muito cururu,

siriri, a gente tem a prática..."

E, empunhando uma viola, completa: "Essa aqui é boa de 'são', sabe?" E mostra o som do Mato Grosso.

Suas violas de cocho de estão ficando cada vez menores e não é por falta de material. "O pessoal tá exigindo violinha pequena mesmo, que é pra ficar mais pra mostra, mais pra enfeite do que pra tocar". Ainda assim, ele resiste: "enquanto for vivo e tiver força, vou continuar fazendo essas violinhas e tocando meu cururu e siriri, né? É minha alegria..."

[ RAUL DIAS FILHO ]



computação e é 'apenas' luthier amador.

"Fiz a primeira guitarra há 27 anos, a pedido de um colega de faculdade, aproveitando o que aprendi na marcenaria do meu pai, onde praticamente cresci. Depois fiz uma para mim, achando que, com isso, ia tocar bem", completa. Apesar da modéstia, a estratégia parece ter funcionado, na opinião de quem já o ouviu tocar. Entre os músicos, seus fregueses, no entanto, conhecidos mesmo são seus instrumentos experimentais, tão peculiares, que já existem várias composições feitas exclusivamente para eles, como o 'Forró da Ferdinanda', do Grupo Anima. 'Ferdinanda' é o nome de uma rabeca, assinada por Vanini, com a qual o forró deve ser tocado.

[ LIANA JOHN ]